

AS BANDAS FRANCESAS E AS NUANCES DA DOMINAÇÃO

Lilian Sampaio *

Resenha de Vincent Dubois, Jean-Matthieu Méon, Emmanuel Pierru, *Les mondes de l'harmonie. Enquête sur une pratique musicale amateur*. Paris, La Dispute, 2009.

"*Os mundos da harmonia - enquete sobre uma prática musical amadora*" é o sugestivo título que aponta algumas das direções que serão exploradas ao longo desse original estudo sociológico, baseado numa bem conduzida pesquisa de campo. Logo no início aprendemos que harmonia não é uma simples metáfora, mas é o nome dado para as orquestras de instrumentos de sopro e percussão que apareceram com o movimento orfeônico europeu no início do século XIX e teve seu apogeu em geral situado entre os anos 1850 e a Primeira Guerra Mundial. Essas "harmonias" sobreviveram até os dias atuais como uma "prática amadora". É essa prática musical, não profissional e *démodé*, o objeto sobre o qual esses três pesquisadores investiram seus esforços analíticos.

A música de harmonia ocupa hoje, no espaço cultural mais amplo, a posição dominada de uma manifestação muito pouco valorizada em termos das duas lógicas de dominação que estruturam o campo musical francês: o pólo de produção restrita da música erudita, e o pólo de produção de massa da música comercial.

Como se organiza uma prática relegada às margens do campo musical? E como se mantém uma forma cultural quando as condições sociais que lhe favoreceram o desenvolvimento há muito já desapareceram? São as duas questões que vão estruturar o livro, o qual se divide em 3 partes. A primeira, a partir de uma cartografia bem montada, vai reconstituir a posição marginal que as orquestras de

* Doutoranda em Sociologia / USP

harmonia ocupam dentro do campo musical legítimo, explorando também a lógica interna que estrutura esse sub-campo. A segunda vai tratar mais de perto das práticas e relações concretas que constitui esse universo da harmonia, entre atividade artística e instrumento de integração social. E, por fim, a terceira vai explorar as duas questões postas inicialmente sobre os efeitos da dominação e a manutenção de uma manifestação cultural incrustada em terreno social tão árido. A pesquisa revela que essa prática musical se situa ao mesmo tempo em “quatro mundos” diferentes, daí o plural no título, os quais expõem seus músicos de modo muito desigual à dominação cultural, bem como contrabalançam os efeitos de tal dominação.

O grande interesse desse estudo, além de se voltar para um universo musical nunca antes explorado sociologicamente, repousa em sua abordagem metodológica. De um lado, oferece uma combinação de múltiplos métodos de pesquisa. A análise estatística teve como suporte três bases de dados diferentes, as sociedades musicais (n=219), seus dirigentes (n=216) e os músicos (n=578), e foi tratada segundo o método de análise de correspondência múltipla (ACM) com o *software* SPAD-N. Os dados foram recolhidos por meio de dois tipos de questionários, um dirigido aos diretores e presidentes das sociedades musicais, abordando suas práticas e representações da instituição, outro dirigido aos músicos, onde são explorados suas “propriedades sociais”, seus gostos e suas práticas dentro e fora das sociedades musicais. As análises estatísticas foram contrapostas a etnografias de três orquestras de harmonia, com entrevistas e observação direta de ensaios e concertos, além de observações pontuais, como, por exemplo, de um concurso de orquestras. Foram também realizadas 20 entrevistas com representantes das instâncias federativas ou membros das estruturas públicas que possuíam relação com as harmonias. E, ainda, foram analisados documentos impressos, principalmente as publicações especializadas da área.

De outro lado, o estudo traz uma grande contribuição à teoria da dominação simbólica, desenvolvida principalmente por Pierre Bourdieu, ao trabalhar a hipótese de que em alguns meios “fechados em si mesmos” a dominação pode ser, em certa medida, “esquecida”. Nas palavras de Vincent Dubois (p. 18):

O relativo fechamento do grupo de pares conta como uma condição entre outras que permite atenuar os efeitos do julgamento cultural legítimo e, em certa

medida, “esquecer a dominação” em proveito de uma relativa autarquia cultural.¹

Mesmo se os efeitos de indignidade cultural, promovidos pelos agentes da música artística legítima, continuam ativos no espaço social mais amplo, eles podem perder sua eficácia simbólica no cotidiano de algumas orquestras de harmonia, situadas geograficamente distantes do centro urbano difusor da hierarquia cultural. Autonomia simbólica relativa que se torna evidente quando os músicos mais jovens deixam sua região, em geral para ingressar na universidade. É nesse momento que se dão conta de uma certa discrepância cultural, quando ficam expostos ao desprezo e desinteresse que sua atividade de músico amador de uma orquestra de harmonia suscita nas pessoas que vivem mais expostas à influência do campo musical francês. E quanto mais distante esses músicos se localizam de seu lugar de origem, maior a “tensão cultural”. O mundo da harmonia que existe de maneira mais isolada, funciona como uma “zona franca” que protege os músicos das sanções do campo cultural legítimo.

A intenção, proclamada na introdução, não é colocar em questão a idéia de dominação, mas oferecer nuances a tal teoria. O pertencimento simultâneo a diferentes espaços de referência e de prática altera os efeitos de dominação cultural ou, ao menos, complexifica seus mecanismos, como ressaltam os autores.

Vincent Dubois é professor no IEP-Strasbourg (Instituto de Estudos Políticos), membro do IUF (Instituto Universitário da França) e do CESS-EHESS (Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política). Jean Matthieu Méon é professor na Universidade Paul Verlaine de Metz e membro do CREM (Centro de Pesquisa sobre as Mediações). Emmanuel Pierru é encarregado de pesquisas no CNRS, membro do CERAPS (Centro de Estudos e de Pesquisas Administrativas, Políticas e Sociais) em Lille.

¹ “La relative clôture sur le groupe des pairs compte ainsi parmi les conditions qui permettent d’atténuer les effets du jugement culturel légitime et, dans une certaine mesure, d’ « oublier la domination » au profit d’une relative autarcie culturelle.”